

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

POR UMA PEDAGOGIA DO ESPAÇO

César Augusto Ferrari Martinez
Boletim Gaúcho de Geografia, 39: 75-84, jul., 2012.

Versão online disponível em:
<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/37313/24096>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - jul., 2012.

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

POR UMA PEDAGOGIA DO ESPAÇO

CÉSAR AUGUSTO FERRARI MARTINEZ¹

RESUMO

Este artigo trata de propor uma nova política espacial para as escolas, denominada de Pedagogia do Espaço. De forma geral, a relação entre Educação e Geografia se dá de forma hegemônica. Assim, se propõe a construção de uma Geografia da Educação, onde o espaço seja pensado à educação. As ideias que fundamentam a proposta partem do entendimento da escola enquanto um lugar, com seus vínculos de identidade múltiplos, e um entre-lugar (Serpa, 2007), arena de encontros, conflitos e diálogos entre os saberes que ali convergem. O currículo que pensa o espaço da escola propõe esta instituição enquanto uma possibilidade pedagógica à muitas vezes cruel realidade social e espacial a que estão submetidos os estudantes de escolas de periferia. Experiências diversas, como a organização em Salas Ambiente, vêm mostrar o impacto de uma organização espacial da escola. Um indicativo de pesquisa sugere que a escola re-pense a relação dos seus estudantes com os espaços cotidianos de aprendizagem, tendo o espaço como um elemento central na construção dos saberes.

Palavras-chave: Pedagogia do Espaço. Currículo. Lugar. Entre-lugar.

FOR A PEDAGOGY OF SPACE

ABSTRACT

The purpose of this paper is to propose a new school spacial policy, named Space Pedagogy. Generally, the relationship between Education and Geography is quite hegemonic. Therefore, the development of a Education Geography is proposed, where the space is designed for education. The ideas which underlie the proposal come from the knowledge of the school as a place, with its multiple relationships of identity, and a between-place (Serpa, 2007), field of meetings, conflicts and dialogs between the knowledges that there converge. The curriculum that designs the school space proposes this institution as a pedagogic possibility to the many times cruel social and

1 Licenciado em Geografia (UFRGS), Especialista em Educação Ambiental (SENAC/RS), Mestrando em Geografia (UFRGS) na linha "Ensino de Geografia", Professor de Geografia da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre e Coordenador Pedagógico da Escola Municipal de Ensino Médio Emilio Meyer. cesarmartinez@yahoo.com.br

special reality in which the students of poor neighborhoods are submitted. Several experiences, such as the division of rooms by subject, shows the impact of the spacial planning of the school. Research suggests that the school should redesign the relation of its students with the daily spaces of teaching, having the space as a central element in the construction of knowledge.

Keywords: Space Pedagogy. Curriculum. Place. Between-place.

INTRODUÇÃO

Procuro apresentar neste texto o diálogo entre as duas áreas do conhecimento que fazem parte do meu cotidiano de trabalho e pesquisa: Geografia e Educação. Em função do grande número de cursos de licenciatura presentes nas instituições de ensino superior no Brasil, aumentou a produção acadêmica que escreve sobre as duas áreas. No entanto, é visível em quem acompanha e se apropria do conhecimento produzido neste diálogo, a relação desigual que existe entre os dois campos do conhecimento. De forma geral, a educação subsidia os professores de Geografia nas práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas de educação básica. Essas publicações estão inseridas em um eixo temático conhecido como “Ensino de Geografia”, que é objetivamente a pedagogia aplicada à docência em Geografia.

Ao contrário de algumas outras áreas do conhecimento, a Geografia ocupa um papel predominantemente passivo nos diálogos com a Educação. Evidentemente, isso se dá em função das estruturas curriculares das licenciaturas, onde o professor formado nos Departamentos de Geografia busca na Educação a formação necessária para adquirir a habilitação docente. Enquanto Psicologia, História, Sociologia, Filosofia fomentam a Pedagogia com seus conceitos, teorias, perspectivas epistemológicas, a Geografia se resume, na maioria dos casos, a aplicar as idéias pedagógicas no ensino das questões espaciais. Assim, meu esforço tensiona a importância de pensarmos a educação sob a ótica das relações com o espaço.

A Pedagogia do Espaço não é uma proposta de produção de conhecimento específico da área do Ensino de Geografia, apesar de ser de extrema importância que os professores de Geografia se apropriem dela, mas uma proposta a Educadores para considerar o espaço um dos elementos de maior relevância nos processos de aprendizagem. De forma desarticulada ou generalizada na Filosofia e Sociologia da Educação, o espaço tem sido considerado dentro dos estudos pedagógicos. A maior influência que a obra de Michel Foucault vem exercendo no pensamento e produção pedagógicos desde a década de 1990 revela em muitos pesquisadores a preocupação com as formas espaciais da escola e as relações de poder sugeridas e representadas nestas formas. Espe-

cificamente, o estudo do espaço enquanto artefato pedagógico representa um aprofundamento do entendimento das relações sociais na escola.

PARA FORA DA SALA DE AULA OU TODO ESPAÇO PODE SER ESPAÇO DE APRENDIZAGEM

Dentro da lógica moderna, a Escola foi moldada em parâmetros extremamente funcionais. Cada área dentro do terreno escolar era designada a uma tarefa específica e havia o entendimento de que esses espaços e funções não se relacionavam. O refeitório era o local da alimentação, a biblioteca da leitura e retirada de livros, o pátio das brincadeiras e a sala de aula do aprendizado. Em algumas décadas, professores e pesquisadores foram percebendo que a aprendizagem acontece para fora do espaço formal da sala de aula, transformando esse espaço num articulador e mediador dos conhecimentos que eram construídos em diferentes tempos e espaços da vida.

Assim, era possível se perceber que a sala de aula não retinha a exclusividade de ser o espaço de aprendizagem, mas que qualquer local poderia transforma-se em um espaço de criação e socialização de saberes. Com isso, refeitórios passaram a falar em educação alimentar, bibliotecas em incentivo e formação de leitores e a brincadeira ganhou orientação especializada e transformou-se em importante instrumento pedagógico. E a sala de aula? Essa passa a ser o espaço da formalização e também do conflito. Estar em sala é simultaneamente estar em situação de organização e sistematização de conhecimento, na medida em que se confina, se limita, se reprime corpos em um desenvolver cognitivo fortemente coercitivo.

Uma pesquisa que contemple os estudos do espaço na relação com a aprendizagem deve olhar para a escola como uma instituição de múltiplos e possíveis espaços e, principalmente, relações espaciais. Observar como os estudantes e professores interagem em diferentes espaços de aprendizagem da escola é entender o espaço enquanto palco das relações sociais e as relações espaciais enquanto possibilidades educadoras. Muitos são os relatos, em especial entre professores de Geografia, de como a saída a campo transforma o olhar de seus estudantes sobre determinada paisagem estudada. O simples deslocamento de turmas entre diferentes salas da escola já provoca uma desacomodação nas relações dos estudantes com o conhecimento.

Algumas escolas preocupam-se em repensar a organização espaço-didática de seus currículos. Um exemplo nítido que modelo que fora adotado por inúmeras instituições nas últimas décadas foi a organização através de salas-ambiente. De forma resumida, a sala-ambiente é o espaço onde o professor territorializa o conhecimento da sua disciplina. Ao contrário do usual rodízio entre salas, onde os grupos de estudantes permanecem nos seus territórios e os professores vão passando de turma em turma lecionando seus períodos, as salas-ambiente transpõe ao espaço a metodologia de cada professor ou grupo

de professores de uma determinada disciplina. Isso faz com que a cada troca de períodos, quando há o deslocamento de estudantes de uma sala para outra, haja um desarranjo das relações espaciais daquele grupo de estudantes.

Isso permite que a sala de Artes possa apresentar uma configuração específica de trabalho, enquanto a Geografia apresenta outra completamente distinta. Também possibilita que as salas tenham diferentes recursos e materiais de forma acessível ao professor e aos estudantes conforme o uso que se faz de cada disciplina. Além disso, muda a forma como os alunos se colocam em grupos na sala de aula, pois a cada período precisam se reposicionar de acordo com a disposição de classes e cadeiras propostas por cada professor. Enfim, são algumas das tantas possíveis novas relações provocadas pela mudança na dinâmica espacial do currículo escolar.

No entanto, apesar de constataremos a importância destas mudanças no cotidiano das escolas, são poucas as pesquisas que investigam de forma sistemática a relação entre os estudantes e seus espaços de aprendizagem. É possível que os arranjos das configurações espaciais da escola e as relações mantidas com estes espaços influenciem diretamente a aprendizagem? Se sim (o que acredito pelas observações das experiências já relatadas), como a escola pode pensar o currículo e a aprendizagem também através do espaço?

O ESPAÇO DA ESCOLA É ONDE A ESCOLA FOR

Um passo importante na caminhada para complexificar as relações espaciais da escola são as saídas de campo. Já ressignificadas entre muitos professores de Geografia, entre outras áreas ainda aparecem como um tabu. Durante muito tempo o termo “passeio” foi atribuído a toda e qualquer saída da escola. Sabendo que a palavra “passear” pressupõe um descompromissado percurso com a exclusiva finalidade de lazer, muitos estudantes não legitimavam a importância de uma saída de estudos como uma atividade escolar. A escola, então, era uma simples promotora de eventos recreativos, cumprindo de forma muito negligente seu compromisso com a ação de aprender.

A retomada de termos como “Saída de Campo” ou “Trabalho de Campo” reforça o movimento de deslocamento do espaço escolar de aprendizagem para uma área distinta daquela concebida formalmente. Quando os professores propõem, por exemplo, uma caminhada pelo bairro, com determinação de alguns focos de atenção (transporte público, arborização, poluição atmosférica, etc.) relacionados com o seu projeto de trabalho, é importante reforçar a transferência do espaço escolar para a rua. Dessa forma, os estudantes poderão desenvolver, através de simples exercício de abstração, a multiplicidade de possibilidades de uso do espaço. Os mesmos trajetos percorridos na ida e na volta da escola, os pontos de encontro, os locais do jogo de bola e das demais brincadeiras, tornam-se palco de interações que intencionam produzir conhecimento.

Da mesma forma, os programas de uso dos espaços da escola pública, em especial em horários não-escolares, cedidos para atividades culturais, esportivas e sociais, contribuem para ressignificar o vínculo, não só da comunidade escolar, mas de todo o grupo social que reside e/ou atua naquela comunidade. Reforçar os vínculos identitários entre moradores e escola para além da importância da escolarização, mas reconhecendo aquele enquanto um espaço público de exercício da cidadania e de manifestações de culturas e práticas daquele entorno. Lembrar que a escola, antes de ser escola, é um espaço público.

A ESCOLA ENQUANTO LUGAR E ENTRE-LUGAR

Escrever sobre o “lugar” é diferente de escrever sobre um “local”. O lugar pressupõe estabelecimento de uma identidade. Ou mais do que isso. O lugar pressupõe um profundo adensamento das relações humanas com o espaço. Os processos que dão vazão à formação da identidade com o lugar são múltiplos e muitas vezes difíceis de se mensurar. No entanto, é inegável o papel da vinculação identitária com o processo de apropriação do conhecimento espacial. Portanto, transformar a escola em um lugar – e não apenas mais um local – é também um esforço em transformar a relação de identidade dos estudantes com o conhecimento escolar.

Doreen Massey (2009) descreve o lugar como um encontro de trajetórias, a unicidade de realidades em um *aqui* e um *agora*. A eventualidade do lugar, que é o encontro da multiplicidade de pensamentos, ações, sentimentos em um ponto convergente no espaço e no tempo, mas que, ao mesmo tempo, é origem de outros tantos caminhos. A autora propõe a *política relacional do espaço* como uma possibilidade do entendimento dos processos que compõem esse devir coletivo. O lugar é, portanto, o encontro das realidades subjetivas e objetivas dos sujeitos e a mediação política destes sujeitos no espaço, o que exige que seja entendido como ponto de transformação, de mudança.

O espaço que é experimentado desperta sensações, percepções, emoções nos sujeitos experimentantes. Para Valdés (2009, p. 59), “lo que se experiencia y se aprende, le da la posibilidad al ser humano de enfrentar nuevos desafíos y construir así nuevas identidades y formas de relacionarse con su espacio vivido”. A escola pode desempenhar o papel de ressignificadora desses sujeitos com o próprio conhecimento que ela proporciona e com os conhecimentos do mundo. Dessa forma, os espaços da escola são tão diversos e passíveis de mudanças quanto o conhecimento produzido pelos sujeitos que ali se estabelecem.

A escola, enquanto espaço dos saberes formais, pode diferenciar-se por sua natureza em relação ao conhecimento que apreendido de forma cotidiana, na livre experimentação da realidade de mundo. Para afirmar o papel propositivo da escola na construção de saberes entre os sujeitos, tenho que

afirmar a idéia de que a instituição escolar é o espaço formal da aprendizagem. Com isso, não quero negar o valor das aprendizagens inerentes aos sujeitos que, uma vez que estão no mundo, estão inevitavelmente aprendendo. Quero apenas colocar que o espaço da escola é aquele onde as intenções são dirigidas ao desenvolvimento da aprendizagem. Escola é sim lugar do aprender, a expressão espacial da aprendizagem.

Conforme os estudantes das redes públicas foram percebendo, consciente e inconscientemente, a afirmação legal do Ensino Fundamental enquanto um direito público subjetivo, a escola também passou a configurar-se enquanto um espaço de direito. A apropriação da escola enquanto espaço público constitui-se um passo importante na relação das comunidades com a importância do aprender. Assim como muitos pais passaram a deixar seus filhos durante diversas horas por dia nos ambientes escolares, a escola também passou a ser um espaço de proteção, de responsabilização do poder público com os sujeitos que acessam aquele espaço. Por mais que crianças, adolescentes e adultos tenham dificuldades em mostrar um comportamento diferente entre os ambientes da rua e da escola, existe uma compreensão do senso comum discente de que a escola é o lugar do aprender e, portanto, de que lá não se pode patifar².

Percebo no contato com outros colegas, em outras escolas e na veiculação de reportagens na imprensa a crescente preocupação de mantenedoras e escolas na contenção da violência, tão comum nos bairros de periferia onde estão muitas escolas públicas. Reafirmo que a escola é um lugar de proteção e que o tensionamento realizado por muitas direções e coordenações de escolas devem sim ser vistos e apoiados por suas mantenedoras. Conflitos cotidianos são parte da realidade da escola, mas convém trabalhar pedagogicamente para que a comunidade perceba o lugar da aprendizagem enquanto um lugar da trégua, do entendimento e do diálogo. A escola não pode absorver a precariedade a que estão submetidas as áreas populares da cidade, ela deve ser resistência e catalisadora da transformação desses sujeitos e espaços.

Novamente, os vínculos de identidade das escolas se reforçam na mesma medida em que os sujeitos que ali percorrem sentem-se acolhidos, vivenciando relações diferentes daquelas que vivenciam no seu, muitas vezes, sofrido cotidiano. A escola deve ser a diferença, o contraste ao mundo que se apresenta com muitas adversidades. A escola como reprodução do mundo não tem condições de oferecer muito mais do que o sujeito já vivencia neste mesmo mundo. Assim, proponho a escola enquanto possibilidade do mundo, gerando expectativas, conhecimentos e capacidade de entendimento e transformação de realidades. A escola não sendo apenas um local de produção de conhecimento, mas sendo um lugar de produção do conhecimento, permite aos sujeitos uma relação pessoal, humana e sen-

2 Patifar: bagunçar, badernar, perturbar.

sível com os saberes. Tenho, portanto, que o conhecimento tem dimensão também espacial e que o conhecimento da escola deva ser pensado como um conhecimento lugarizado.

Angelo Serpa (2007) coloca a importância de que haja mais do que espaços públicos de vinculação espacial, mas que possam também haver espaços de expressão dos conflitos, de diversidades de culturas. Essas “arenas”, segundo o autor, seriam entre-lugares, ou seja, possibilitadores de encontros e diálogos entre as diferenças. Assim, a escola também se configuraria enquanto entre-lugar, acolhendo a singularidade de cada sujeito e, ao mesmo tempo, promovendo a socialização destes sujeitos.

PENSANDO UMA PESQUISA

Quando proponho uma pesquisa que investigue as relações espaciais dos estudantes com a escola, penso que podemos contemplar três momentos: como a escola prevê e usa os espaços, como os estudantes percebem os espaços utilizados e quais as possibilidades de uso pedagógico dos espaços da escola. Cada momento deve ser construído de forma articulada com as diferentes instâncias da comunidade escolar.

O primeiro momento pode iniciar-se pelo documento que orienta a organização curricular da instituição: o Plano Político Pedagógico (PPP). O PPP contempla as propostas teóricas e as diretrizes políticas que conduzem a construção curricular da escola. Esquecido por uns, negligenciado por outros e valioso para alguns poucos, o PPP pode e deve contemplar o que a comunidade que constrói esse documento percebe em relação às possibilidades de interação com os espaços escolares. Perguntas que podem ser colocadas aos PPPs, tanto em sua construção quanto em sua análise, podem ser: quais os espaços mais utilizados pelos estudantes em momentos formais de aula? Quais os espaços utilizados por eles nos momentos de lazer? Quais os espaços expressos formalmente pela escola como espaços de aprendizagem?

A última pergunta é uma reflexão sobre o cotidiano de muitas escolas públicas. Pela escassez de recursos a que são submetidas, muitos espaços são compartilhados entre diversos professores e turmas, tais como Laboratórios de Ciências, Salas de Recursos Audiovisuais, Laboratórios de Informática, entre outros. Assim, as direções e coordenações dessas escolas realizam um agendamento dos espaços a serem utilizados para que não haja conflito de uso entre educadores e educandos. Esses mapeamentos de uso, despretensiosamente utilizados na rotina da escola, podem ser um instrumento importante na definição de investimentos e melhorias nas condições físicas da escola em um futuro próximo, devendo também então constar no PPP.

A principal flexão dos esforços para entendermos como uma pedagogia do espaço deva ser entendido dentro dos currículos escolares é perceber de que forma se processam as aprendizagens dos estudantes com os diferen-

tes espaços da escola. Aqui, novamente se reforça a idéia de Serpa (2007), quando coloca que os entre-lugares enquanto espaços que não hierarquizem a diferença, mas a reconheçam. Assim, não se pretende pensar em qual espaço possibilita maior ou menor aprendizagem, mas quais aprendizagens são mais expressivas em cada espaço da escola.

Há diversas formas de se pesquisar a relação entre os sujeitos e os espaços de aprendizagem. Minha proposta é que essa investigação se dê através de digressões do cotidiano espacial da escola. Os momentos dessas digressões podem ser ótimas oportunidades para observarmos a relação entre os sujeitos da escola (que podem ser estudantes, educadores, demais funcionários, responsáveis, etc.) e os espaços que se relacionam. Exemplos de diferentes ocupações do espaço podem ser propostas pelos professores ao trocarem de sala, utilizarem espaços não-formais (o pátio, por exemplo), realizarem pequenas saídas de campo, proporem novos usos para os espaços, ressignificar subespaços da escola, etc.

Independente de qual seja a digressão de uso nos tempos e espaços escolares, cabe à direção, coordenações e educadores responsabilizarem-se pelos registros desses momentos, que podem ser feitos através de fotografias e filmagens, mas também de registros dos próprios educadores de como observam os estudantes interagindo entre si e com o conhecimento dentro daqueles espaços e contextos. Uma avaliação realizada em conjunto com estudantes e professores pode proporcionar uma retomada dos momentos mais significativos de convivência e aprendizagem em uma dimensão mais horizontalizada entre ambos.

De posse desse material, a escola pode propor reuniões de formação e sistematização do currículo considerando a espacialidade do aprendizado na escola. Além disso, o esforço em mobilizar os professores para pensar as possibilidades do uso do espaço da escola já re-constrói o entendimento das relações com o conhecimento – o currículo dessa escola. Sim, pois a relação com o espaço escolar é uma das questões problematizadoras mais importantes dentro do currículo. O fato de como o currículo e o espaço tem sido relacionados de forma negligenciada na gestão escolar é um dos motivadores de se pensar uma pedagogia que tensione para a importância do espaço.

Arroyo (2011) aponta a importância das vivências do espaço como um dos saberes emergentes no desenvolvimento e construção dos currículos. Pensar em um currículo que expresse não apenas as condições sócio-econômicas, mas espaciais daqueles sujeitos que ali vêm procurar seus espaços de aprendizagem. Para o autor, “o estudo do espaço passou a ser um dos temas mais tensos dadas as tensas vivências dos sem-lugar que carregam os educandos populares à escola” (p. 334).

Minha sugestão é de que as vivências do espaço escolar sejam laboratório de vivências de outras realidades fora da escola. Se a escola é possibilidade espacial, ela também é formativa de outra política do espaço. Novas propostas de

relação com o espaço entre educandos e educadores provocam novos olhares, percepções e, principalmente, ações entre esses sujeitos e os diversos contextos espaços que transitam, ocupam e se relacionam em seus cotidianos.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. **Currículo, Território em Disputa**. Petrópolis: Vozes, 2011.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço**: Uma Nova Política da Espacialidade. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2009.

SERPA, Angelo. **O Espaço Público na Cidade Contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.

VALDÉS, Johan de La Luz García. El lugar em La Superación de La Adversidad. In: GARRIDO, Marcelo (org). **La Espesura del Lugar**: reflexiones sobre el espacio em el mundo educativo. Chile: Universidad Academia del Humanismo Cristiano, 2009.